

um paradigma que ameaça abalar profundamente a disciplina delas, pois se não é a única ciência humana a ver-se soliciada entre a natureza e a cultura (também é esse o caso da psicologia ou da antropologia), ela foi a única, na época, a recusar uma divisão possível segundo esses dois domínios do seu saber.

A outra razão da ausência da geografia prende-se à própria história dessa disciplina, que nos anos 60 tende a viver à sombra dos louros conquistados no passado com uma tal segurança que foi ficando cada vez mais defasada. Não há dúvida de que a geografia teve sua hora de glória, particularmente brilhante. Ela respondeu, após a derrota de 1870, às necessidades da reconquista da Alsácia-Lorena ligando sua sorte à história-batalha nacional de Ernest Lavisse, na perspectiva da legitimidade dos direitos da pátria francesa. O *Tableau géographe de la France* de Paul Vidal de La Blache abre então a grande *Histoire de France* de Ernest Lavisse².

Terminada a guerra e reconquistada a Alsácia-Lorena, a geografia vidaliana vai fazer escola ao se desembargar dessa perspectiva patifônica e lutar-se à dominância do estado. Deixa então o político e a política, conquista a liberdade de li e vil, e passa a percorrer o país de pés a pés. Redescobre com alegria uma França repleta de finções acolhedoras, luminosa em sua policroma diversidade regional. Nos anos de 1920-1930, a geografia vidaliana lança-se na produção de monografias regionais; faz-se historiadora e o historiador faz-se geógrafo. É a idade de ouro da escola geográfica francesa, cuja influência afeta todo o campo das ciências sociais, assim como a comunidade dos geógrafos numa escala mundial.

Por ocasião do Congresso Internacional de Geografia que se realiza em Paris em 1931, a hora é do triunfalismo para essa escola francesa de geografia que se vê consagrada em sua preeminência pelos geógrafos do mundo inteiro. Durante a sessão inaugural, o delegado do governo italiano, o general Vaccelli, pôde declarar: "Para limitar-se à obra realizada no decorrer dos últimos 50 ou 60 anos, são mais especialmente os geógrafos franceses aqueles que fizeram penetrar e progredir na Europa as idéias modernas em matéria de morfologia, e é sobretudo na França que a geografia humana recebeu novas diretrizes³". Os mentores dessa escola são, na época, Albert Demangeon e Emmanuel de Martonne.

Mas os geógrafos vão permitir que seu êxito seja aproveitado pelos historiadores. Lucien Febvre percebeu imediatamente a força de atração dessas monografias. Defendeu com veemência Vidal de La Blache contra a escola de geopolítica alemã de Ratzel e contra o desafio lançado pelos sociólogos durkheimianos em 1922⁴. Quando fundou com Marc Bloch a revista dos *Annales d'histoire économique et sociale* em 1929, Febvre convidou Albert Demangeon para o comitê de redação da revista. Quanto à orientação da nova escola histórica francesa, ela re-

toma, em seus aspectos essenciais, o paradigma vidaliano⁵. Unindo a sua sorte à dos novos historiadores, os geógrafos vêm-se deslocados de seu dinamismo próprio, que vai beneficiar por inteiro somente os historiadores.

Durante o pós-guerra e ao longo dos anos 60, as grandes monografias regionais são os dos historiadores: Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre Goubert, Georges Duby... Mesmo que a institucionalização da disciplina geográfica progreda, de fato, nos anos 50 e 60, ela permanece estruturalmente vinculada à história e, desvitalizada, não faz mais do que gerenciar a herança vidaliana caracterizada por seu naturalismo, a preponderância atribuída às permanências, seu caráter monográfico e confligente, assim como sua preocupação em permanecer uma escrita ilerdária. As duas principais orientações dos estudos geográficos franceses mantêm-se situadas no âmbito regional e privilegiam o estudo das paisagens. Não tendo extraído todas as consequências do desaparecimento do determinismo, os geógrafos praticam então, essencialmente, o plano "em gavetas", contentando-se em justapor, em nome de uma síntese ideal, os elementos do relevo, do clima, da população, das redes urbanas etc.; tudo isso em monografias cujo objetivo essencial não é verdadeiramente problemático mas visa apenas a exaustividade. Essa geografia tradicional vai se conciliar com uma abordagem marxista que registra substancial avanço no pós-guerra, graças à influência e à penetração que um certo número de geógrafos comunistas adquiriu: Pierre George, Jean Driesch, eletos para a Sorbonne, e Jean Tircari, para a Universidade de Estrasburgo. Contudo, marcados pela geografia tradicional e pisonais do seu empirismo, esses geógrafos não lograram abalar sua disciplina nem abrir-a para um questionamento epistemológico sobre seus fundamentos ou para diálogos teóricos interdisciplinares. Tanto mais que a conjuntura da guerra fria e do stalinismo era pouco propícia ao desenturrar desses geógrafos comunistas encerrados em sua torre de marfim e em sua dupla cegueira: a de um materialismo histórico, por um lado, e, por outro, o saber empírico estibado nas grandes obras do passado, sem contar algumas tradições idanovianas como aquela a que sucumbiu o geógrafo Jean Tircari, quando após a geomorfologia marxista à geomorfologia burguesa de seus predecessores⁶.

Hoje, é certo, algumas tentativas de debates que rapidamente abortaram, como a do colóquio realizado pelos geógrafos comunistas em Ivry, em 28 e 29 de junho de 1953⁷, mas a revolução epistemológica desejada não se produziu. Quanto à geração formada por Pierre George, Bernard Kayser e Raymond Dugrand, tampouco logrou remover montanhas e desenterrar um saber geográfico que se mantinha muito regional, periférico, sendo menosprezado no universo intelectual e universitário dos anos 60.

A sufocação da geografia se acelera tanto mais depressa

2. P. VIDAL DE LA BLACHE, *Tableau géographique de la France*, Hachette, 1911.

3. Général Vaccelli, citado por Ph. PINCHEMEL, *La Recherche géographique française*, Comité national français de géographie, 1984, p. 11.

4. L. FEBVRE, *La Terre et l'évolution humaine*, A. Colin, 1922.

5. Ver F. DOSSE, *L'Histoire en mille ans, op. cit.*

6. J. TRICARI, "Premier essai sur la géomorphologie et la pensée marxiste", *La Perle*, n° 47, março-abril de 1953, pp. 62-72.

7. Ver J. SURET-CANALE, "Géographie, marxiste", em *Espace/Temps, Espace/Marxisme*, n° 18-19-20, 1981, p. 15.

na medida em que perde seu objeto privilegiado com essa França rural que se moderniza a passos cadenciados. É preciso encontrar o caminho da salvação e alguns geógrafos vão perceber na abertura para o estrangeiro a possibilidade de renovação de sua disciplina: "Até 1968, a maioria dos colegas estava sinceramente persuadida de que não havia fora da França uma geografia digna desse nome⁸. Mas finalmente vão se estabelecer contatos entre a geografia francesa e a anglo-saxônica, graças sobretudo a geógrafos francôfonos da Suíça, do Canadá e da Bélgica. Nessa difusão do que se chamou de nova geografia, Paul Claval desempenhará um importante papel⁹."

Essa nova geografia rompe com o descritivismo da geração precedente. Deixa de se conceber como gênero literário, para ganhar seus galões como ciência. Volta-se para as disciplinas econômicas e sociais que, por seu lado, avançaram no caminho de uma conceitualização do espaço que passa então a ser o objeto privilegiado da disciplina. Com a mesma preocupação de cientificidade, os geógrafos querem apoiar-se doravante num material quantificado, em sólidas fontes estatísticas, e esperam muito das técnicas quantitativas para a renovação de sua disciplina: "O neopositivismo em moda nas ciências sociais substitui, assim, o positivismo do começo do século¹⁰. A geografia vidaliana, essencialmente concentrada num mundo rural, agrícola, torna-se caduca pela própria evolução da sociedade. Os novos geógrafos adaptam seus métodos de abordagem a um mundo que se tornou urbano, móvel, objeto de uma transformação acelerada. À descrição, no sentido do concreto, do visível, os novos geógrafos opõem a necessidade de sondar o não-dito, o implícito, o escondido: "Nenhum geógrafo se limita mais aos aspectos visíveis da realidade"¹¹.

É dessa nova orientação da geografia que situa a disciplina no âmbito das ciências sociais, herança até então recusada, que vai surgir a renovação progressista da disciplina nos anos 70. É verdade que Pierre Gourou tinha participado, desde 1960, como geógrafo tropicalista, na oventura da antropologia estrutural, colaborando na revista *L'Harmie*, sob a direção de Lévi-Strauss. Mas Gourou era uma exceção. No essencial, a geografia permanecera separada das ciências sociais. Seu objeto, recuperado pela nova história, linha desaparecida; restava apenas uma instituição disciplinar desmoronada, e tanto mais recusada em si mesma no temor de que o menor deslize acabasse provocando seu súbito desaparecimento.

8. P. CLAVAL, "Contemporary Human Geography in France", *Progress in Geography*, nº 7, pp. 280-279.

9. P. CLAVAL, *La Nouvelle Géographie*, "Que sais-je?", nº 1693, PUF, 1977.

10. P. CLAVAL, "Mutations et permanences", *Espace/temps*, nº 40-41, "Géographie, état des lieux. Débat transatlantique", 1989.

11. R. BRUNET, 1972, citado por Ph. PINCHEMEL, *La Recherche géographique française*, Comité National Française de Géographie, 1984, p. 16.

UM DESPERTAR TARDIO

○ despertar da disciplina geográfica é progressivo a partir do início do decênio. A abertura para as matemáticas vai suscitar, pouco a pouco, interrogações de ordem epistemológica. Em 1971, jovens geógrafos do sudeste da França declinam, em face da insuficiência de sua formação em matemáticas e informática, formar um "pool" de seus conhecimentos. Constituem um grupo de trabalho com um patronímico bem francês, o grupo Dupont, cuja notoriedade jamais alcançará, por certo, a do grupo Bourbaki, mas cujo trabalho sobre a quantificação desembocará rapidamente numa reflexão teórica em termos de formalização matemática. Depois, "trata-se pouco a pouco de epistemologia"¹². As reuniões do grupo no capital do condado Vendêsis fizeram desses geógrafos os Dupont de Avignon. Em 1972, além da realização em Besançon do primeiro colóquio de matemática aplicada à geografia, e da publicação de uma obra de reflexão sobre a disciplina¹³, uma nova revista de geografia vem a lume: *L'Espace géographique*. Este título revela a vocação da nova geografia para instalar-se, graças ao conceito de espaço, no cortejo das ciências sociais.

Sinal revelador dessa opção inteiramente nova, e que rompe com aquela indeterminação da geografia dividida entre ciências da natureza e ciências humanas: quando o filósofo François Châtelet publica em 1973 o último volume da sua *Histoire de la philosophie* dedicado à *Filosofia das Ciências Sociais*, recorre a Yves Lacoste e concede, portanto, um lugar à geografia, a par da psicologia, da sociologia, da etnologia, da história e da linguística. "A abertura começa com o excelente artigo de Lacoste publicado na enciclopédia de Châtelet"¹⁴.

Yves Lacoste não esconde o estado de crise que o discurso geográfico tradicional conhece, sua inaptidão para a reflexão teórica e sua obstinação em sustentar com denodo um estado de espírito deliberadamente terra-a-terra, tendo o cuidado de evitar toda e qualquer forma de abstração. Lacoste constata que a prática dos geógrafos já não corresponde mais ao seu projeto unitário, na medida em que uns se especializam em geografia física, enquanto outros enveredam pelo caminho da geografia humana, sem que lhes ocorra interrogar-se sobre essa contradição que desvenda "o caráter falacioso do projeto de geografia unitária"¹⁵. Ridiculariza com humor e perfidência o ca-

12. Ch. GRATALUOP, *Espace/temps*, nº 4, 1976, p. 49.

13. *La Pensée géographique contemporaine*, "Mélanges offerts au professeur A. MÉVINIER, Presses Universitaires de Bretagne, 1972.

14. Jacques Lévy, entrevista com o autor.

15. Y. LACOSTE, "Le géographe", em F. CHATELET, *Histoire de la philosophie*, La

dieter tristemente enumerativo, simples catálogo do reduto, reificado segundo um eterno plano escolonado, do saber geográfico, dito de síntese. Na interface de numerosas disciplinas, o geógrafo é chamado a utilizar os dados delas provenientes sem se interrogar sobre sua validade. O estado de coisas vigente deixa transparecer um tal vazio teórico que se pode até aventurar a possibilidade de desaparecimento de uma disciplina que perdeu seu objeto e está desprovida de método: "A geografia entrou no tempo dos fracassamentos"¹⁶.

Considera Lacoste que a recuperação não pode provir de uma simples formalização matemática do saber geográfico e que os geógrafos não poderão economizar a constituição de seus conceitos de acordo com o modelo epistemológico preconizado por Bachelard: "Cumprir o papel de mediador e não mediador para refletir"¹⁷. Lacoste entevê as portas da salvaguarda para a geografia na retomada do estudo metódico dos espaços no quadro das funções que exerce o aparelho de estado, e recorda a esse respeito o papel dos geógrafos alemães do século XIX no estabelecimento de uma geopolítica cuja utilização foi levada ao paroxismo com Hitler, o que contribuiu para o descrédito dessa opção no pós-guerra. Lacoste preconiza a definição de diferentes escalas de conceitualização antes de pensar em as articular, em distinguir o espaço enquanto objeto real e o espaço enquanto objeto de conhecimento. Sobre este ponto, como sobre o da ligação necessária entre teoria e prática política, a referência epistemológica essencial de Lacoste é Althusser, citado explicitamente¹⁸, e que serve manifestamente de modelo epistemológico para repensar ou pensar o espaço. A geografia terá sido, portanto, o último continente a ser influenciado pelo althusserianismo.

Por seu lado, dando coletivamente continuidade a essa reflexão sobre a geografia, a corrente modernizadora, denominada doravante "Géopoint", reúne seu primeiro colóquio em 1976 sobre o tema: "Teorias e geografia", acolhido pela Universidade de Genebra¹⁹. O meio dos geógrafos começa a se agitar, portanto, nos anos 70, mesmo que não se deva acreditar que toda a disciplina tomou o caminho da renovação. Jacques Lévy lembra-se do momento em que, tendo obtido a *agrégation* em geografia em 1974, ouviu a banca julgadora censurá-lo por não exaltar suficientemente a cartografia, por não ter sido suficientemente lírico. Ele só ouviu falar pela primeira vez do termo "estrutura" no nível institucional após ter obtido sua *agrégation*, em 1975, por ocasião de um seminário reservado a estudantes já bem avançados no domínio de sua disciplina, anfitrião por universitários de fora, e no âmbito de uma Universidade que, para os geógrafos, era periférica: Paris-VII: "Esse

philosophie des sciences sociales, Hachette, 1973, p. 247.

16. A. MEYNIER, *Histoire de la pensée géographique en France*, PUF, 1969.

17. G. BACHELARD, *La Formation de l'esprit scientifique*, PUF (1938), p. 213.

18. Y. LACOSTE, *La Géographie*, op. cit., p. 282.

19. Esse colóquio gravou em torno de quatro comunicações: S. Gregory, "Teoria geográfica e metodologia científica"; C. Tilou, "As matemáticas em geografia: investigação de uma estrutura descritiva coerente"; C. Raffestin, "Problemas e explicação em geografia"; e J.-B. Racine, "Discussão ideológica e discurso geográfico: um novo debate".

seminário intitulava-se 'Estruturas, sistemas e processos' e puse-lam-me o apelido de 'Estruturas e troços', para significar que se tratava de coisas abstratas e incontroláveis. Seus animadores foram François Durand-Dastès e Roger Brunet²⁰. Mais que o estruturalismo, que estava nesse momento agonizante, é o sistema que conhece então uma certa voga entre os geógrafos, sobretudo após a publicação na França da *Teoria Geral dos Sistemas*²¹.

Reencontra-se o princípio de imanência do estruturalismo, assim como a idéia da interdependência dos elementos, e sua necessária apreensão a partir de uma lógica de conjunto, global. Mas, diferentemente do estruturalismo, o modelo provém neste caso das ciências da natureza e não mais das ciências humanas, da linguística. Parte do postulado da complexidade do real e da impossibilidade de isolar um número restrito de variáveis, o que obriga a se ocupar da totalidade dos mecanismos em relação, segundo o modelo de leis próximas da termodinâmica. O sistema oferece a vantagem de um paradigma que permite procurar as inter-relações, as ações e reações, e ultrapassar, portanto, o descritivismo ambiente da corporação dos geógrafos tradicionais. Também permite salvar o caráter unitário da geografia ao pressupor que tudo se relaciona. Entre outras prolongamentos, o sistema terá efeitos no sentido da abertura para as ocupações centradas no ecossistema, na ecologia: "Al, os geógrafos estavam inteiramente à vontade, pelo menos aqueles que pensavam que a natureza tinha uma relação com a disciplina deles"²². Entretanto, construído em base no modelo da cibernética, o sistema, tal como o estruturalismo, não redunha numa análise em termos de dinâmica.

HÉRODOTE

É nesse clima de receptividade que Yves Lacoste intervém duplamente em 1976 e realiza um avanço significativo ao colocar dinamicamente sob as bases rachadas da geografia tradicional, a dos professores. Ele publica no mesmo ano *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre?* [A geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra], e lança pelas Éditions Maspero uma nova revista, *Hérodote*²³, com um subtítulo significativo da ruptura que realiza com o passado da disciplina: "Stratégies,

20. Jacques Lévy, entrevista com o autor.

21. L. VON BERGTAUF, *Théorie générale des systèmes*, Dunod (1954), 1973.

22. Daniel Dory, entrevista com o autor.

23. Y. LACOSTE, *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, P.C.M., Maspero, 1976.

24. HÉRODOTE, diretor; Yves Lacoste; secretário de redação: Michel Abharvó, Olivier Bernard, Jean-Michel Brabant, Béatrice Giblin, Maurice Ronal.

géographies, idéologies". Lacoste escolhe para seu livro a enunciação descritiva da geografia universitária. Opõe-lhe o uso eficaz que os poderes tanto sociais quanto político-militares fazem do espaço, e a manipulação exercida sobre aqueles que se encontram sujeitos a determinadas estratégias sem que lhes conheçam os detalhes e as circunstâncias. Seu propósito essencial consiste em tornar visíveis as estratégias ocultas que têm o espaço por objeto de suas operações e de seus lances, em mostrar no que se observa a imbricação de diferentes conjuntos espaciais em coerências não percebidas.

Lacoste recorda, a esse respeito, a origem militar da utilização do saber sobre o espaço, os mapas de estado-maior, e abre toda uma perspectiva frutuosa de reabilitação da geopolítica, até aí desacreditada. A partir de uma postura essencialmente crítica, empreende uma desmistificação que deve dar origem a um verdadeiro saber estratégico reapropriado por aqueles que se sujeitam aos diversos modos de dominação do espaço social. Essa dimensão política, tradicionalmente oculta na geografia vidaliana, deve voltar a ser o horizonte de estudo do geógrafo para perceber e analisar as zonas de crise, de tensão, e contribuir assim para sua inteligibilidade. A esse respeito, Lacoste opta à preferência vidaliana pelos fenômenos de permanência, em torno da noção de paisagem fora do político, a necessidade de compreender as turbulências nascidas da modernização com seus fenômenos de aceleração na transição dos diversos espaços, em suma, uma geografia da crise: aquela que traduz as degradações da biosfera, a degradação das potencialidades de produção de viveres, a explosão demográfica, o congestionamento urbano, a acentuação das desigualdades, a confrontação de potências.

A análise de todos esses fenômenos implica um olhar diferencial segundo as escalas consideradas entre o local e o planetário. Ela dá acesso a uma macrogeografia dos territórios que supera a tradição monográfica regional tão poderosa na França. No cerne da questão política, Hérodote propicia também acesso às diversas articulações do espaço social. Lacoste pretende delinear as lógicas de espaços manipuladas pelos estados-maiors modernos que são as grandes empresas multinacionais a fim de elaborar o mapa de suas redes, a articulação entre os seus lugares de reunião, a localização de seus diversos centros de produção em subempilhada, a fim de reconstituir as lógicas subjacentes da exploração econômica.

Ele visa, primeiramente, a devolver alguma vitalidade a uma geografia que parecia mullibunda, e inscreve seu projeto no quadro mais global de uma colaboração ativa com outras ciências sociais chamadas a alimentar essa reflexão nova sobre o espaço. Assim é que o grupo de discussão de Hérodote está composto de geógrafos, mas também de etnólogos, de urbanistas, de filósofos e jornalistas. Hérodote retoma, portanto, o projeto crítico do paradigma estruturalista sobre o declínio, e as estratégias revisladas devem permitir decifrar o terceiro termo do subfúlio da revista: as Ideologias.

Reconhece-se aí, uma vez mais, uma influência althusseriana dilusa, ponto de passagem para uma reflexão epistemológica

ocorra do que fundamenta o discurso geográfico. O primeiro número da revista compreende até uma contribuição apaixonante, repleta de semiótica, de referências a Christian Metz, a Agrippas-Julien Grelmas etc. a respeito da noção de paisagem²⁵. Outra incidência do estruturalismo sobre a disciplina geográfica passa pela influência que Foucault exerceu sobre a equipe de Hérodote, a qual descortina na obra do filósofo toda uma reflexão sobre o olhar, sobre os dispositivos e lógicas desenvolvidos no espaço, e o convida a responder às perguntas dos geógrafos no número inaugural da aventura de Hérodote: "O trabalho que você empreendeu reitera (e dilmenta) em grande parte a reflexão que entabulamos em geografia e, de um modo mais geral, sobre as Ideologias e estratégias do espaço. Ao questionar a geografia, encontramos um certo número de conceitos: saber, poder, ciência, formação discursiva, olhar, episteme, e a sua arqueologia contribuiu para orientar nossa reflexão²⁶".

Lacoste, que pertence a essa geração de geógrafos formada por Pierre George, pôde sair do economicismo tingido de marxismo de uma geografia essencialmente descritiva graças ao contexto coletivo da Universidade de Vincennes do pós-68, graças ao banho estrutural-marxista que aí dominava e que permitiu abrir a geografia para um diálogo teórico com François Châtelet, Michel Foucault e os althusserianos em geral dos diversos departamentos de Vincennes-a-estruturalista. Era mais do que tempo para que a geografia se mexesse, antes que os bulhozeps vissem dirrar os derradeiros traços de ebulição desse período.

ESPACESTEMPS

Um fato sintomático do despertar da geografia é a batalha que um punhado de jovens geógrafos contestadores da seção de histórica-geografia da ENSET²⁷ vai travar contra a geografia tradicional. A partir de um quadro mais estético e mais periférico, vão reiniciar a batalha que ocorreu em maior escala entre os seus antecessores nos anos de 1966-1968, na Sorbonne, contra as humanidades clássicas em nome da ciência. Com um certo atraso, uma vez mais, os geógrafos vão também viver a contestação proveniente de jovens investigadores desejosos, como seus predecessores dos anos 60, de maior rigor e insatisfeitos com o saber que se lhes oferecia. Entretanto, nada predestinhava a ENSET de Cachan a se converter num lugar de agitação ou de inovação, mas a soma de alguns oca-

25. M. RONALD "Paysages", Hérodote, n.º 1, 1976.

26. "Questions à Michel Foucault sur la géographie", Hérodote, n.º 1, 1976, p. 71.

27. ENSET, École normale supérieure de l'enseignement technique.

sas vai fazer dela o foco para o surgimento de uma revista que rapidamente se tornou a propulsora de uma outra geografia: *Espace&Temps*.

No ponto de partida, um modesto boletim da seção de história-geografia da ENSET, simples expressão da convivência cara aos geógrafos, que fazem gosto em viver e trabalhar juntos por ocasião das excursões no campo. Mas esse boletim trimestral ultrapassou depressa esse quadro muito tradicional para manifestar a insatisfação em face do saber geográfico ensinado: "Ao obtermos a licenciatura com Christian Griddouap, mostrávamos desgostosos com a geografia e procurávamos uma ocasião para manifestá-lo de uma maneira ou de outra"²⁸.

O primeiro boletim da seção de história-geografia será publicado em outubro de 1975 com o título de *Espace&Temps*²⁹. Vai se beneficiar de uma repercussão que ultrapassa a modestia do projeto inicial, visto que Maurice Le Lannou a ele dedica sua coluna em *Le Monde* sob o título provocante de "Geógrafos contra a geografia"³⁰. Não é, por certo, para traçar um panorâmico das posições dos jovens iconoclastas mas, muito pelo contrário, para indignar-se com seus "exageros", embora reconhecendo-lhes "uma porção de verdade".

O responsável pela tranqüila seção de história-geografia da ENSET, Albert Piet, começa a ficar assustado diante de tanto barulho. Para prevenir todo e qualquer revide por parte da instituição dos geógrafos, recorre vivamente à leitura do projeto do segundo número de *Espace&Temps*, sobretudo em face da virulência das críticas formuladas contra o *Dictionnaire de géographie*, publicado sob a direção de Pierre George. Albert Piet alerta a direção da ENSET e, em definitivo, o número, já impresso, não é autorizado a sair. O artigo incriminado, assinado por Jacques Lévy, "Le dictionnaire d'une géographie", tomava a obra dirigida por Pierre George como sintoma daquilo em que se convertera a disciplina geográfica: uma sábia mistura de anedotas, erudição, empulismo e vazão teórico: "É pela abundância de termos técnicos ou estrangeiros que o *Dictionnaire* espera suprir sua indigência científica. Não se pode decentemente querer mal a um livro, a uma matéria que terá, pelo menos, ensinado ao leitor o que é um 'Mlombo' e um 'Ighiam-bite'. Assim, o bric-à-brac generalizado que caracteriza a obra deve ser considerado um obstáculo e uma máscara. /.../ Assim como as multitudes escondem, com frequência, uma infinidade de solidões, a abundância dos materiais pode dissimular a sua nulidade interior"³¹.

Bloqueada no nível da ENSET, era esse o trampolim mais seguro para que a revista saísse do âmbito confidencial de um boletim de seção; ela não tinha outra saída. Os membros da revista iniciam uma campanha, recolhem numerosas assinaturas que subscrevem uma petição de protesto e recebem impropria-

28. Jacques Lévy, entrevista com o autor.

29. *Espace&Temps*, nº 1; comitê de redação: J.-P. Burdy, A. Bidaud, Ch. Griddouap, M. Hour, B. Judic, J. Lévy, Y. Lévy-Fernoux, J.-L. Margolin, J.-F. Marini e C. Vieille.

30. M. LE LANNOU, *Le Monde*, 8-9 de fevereiro de 1976.

31. J. LÉVY, *Espace&Temps*, nº 2, 1976, p. 22.

tes apelos, como o de Milton Santos. Ao fim de um acordo em que foram feitas concessões mútuas, *Espace&Temps* pode reaparecer, não mais como o boletim da seção da ENSET mas como uma revista independente que muda, portanto, de natureza.

Uma linha de intervenção é então definida e dá lugar à publicação de um manifesto no número 4, em 1976: "Pensar a geografia; refletir a história; intervir no ensino; interrogar as ciências sociais"³². A orientação é claramente a de fazer participar a geografia na aventura das ciências sociais através do aprofundamento da noção de espaço social, convertida em pedra angular do empreendimento: "Queremos que o estudo do tempo social e do espaço social participe, em seu legítimo lugar, no movimento contemporâneo das ciências humanas"³³. Os autores da revista têm, portanto, a intenção de romper o casulo do saber geográfico e fim de abrir-lo para os avanços realizados pelas ciências sociais vizinhas. Eles querem situar-se na interface das diversas disciplinas e, para tanto, julgam indispensável fazer do sentido de uma reflexão de ordem epistemológica, teórica: "Interessando-nos pela filosofia, tão distanciada até aqui da geografia, queremos saber o que é uma ciência"³⁴.

É a partir desse desvio considerado inconciliável que se pode perceber os ecos atirados das interrogações epistemológicas estruturalistas dos anos 60 e, em particular, a influência das teses althusserianas. A referência de *Espace&Temps* ao marxismo é explícita como "guia, numa palavra, para a prática científica"³⁵, e essa referência deve servir para libertar o saber geográfico do seu conteúdo ideológico e permitir a sólida ancoragem da disciplina geográfica como ciência.

Reconhece-se aí, nessa perspectiva refundadora, o trabalho impulsionado nos anos 60 pelos althusserianos no sentido do deslocamento das fronteiras disciplinares e de crítica das aparências enganadoras, a fim de fazer emergir a ciência, a teoria, após a realização do corte epistemológico, já assinalado no interior da obra de Marx, e que os geógrafos de *Espace&Temps* também esperam apreender, mas no interior do saber geográfico. Althusser também foi importante, pois, nessa área, mesmo que estejamos na época da autocritica do seu teorismo: "Para mim, Althusser foi uma mediação para a epistemologia francesa: Bachelard, Canguilhem e até mesmo Durkheim"³⁶. Essa dimensão do desvio necessário em relação ao objeto, essa necessidade de construir de maneira rigorosa inspirou esses jovens geógrafos, que se fizeram portadores de uma interdisciplinaridade na qual a disciplina deles devia adquirir sua posição firme, não uma interdisciplinaridade complacente, gênero selina, como lhe chamava Lacan, onde cada um pode vir beber e comer: "Aplicou-se a fórmula de Jaurès a propósito do patrilisimo e do internacionalismo. Um pouco de interdisciplinaridade afasta as disciplinas; muita, aproxima-as. O interesse desta res-

32. Manifesto, *Espace&Temps*, nº 4, 1976, p. 3.

33. *Id.*, p. 5.

34. *Id.*, p. 7.

35. *Id.*, p. 8.

36. Jacques Lévy, entrevista com o autor.

de "no seu caráter conflitante"³⁷. O que, entretanto, diferencia *Espace/Tempo* da inspiração althusseriana é a vontade de não se limitar a "pensar a geografia", mas tentar fazê-la, de se confrontar com o campo, ao passo que Althusser se isolava em sua posição de filósofo crítico, acima das refregas, não atribuindo verdadeiramente lugar às ciências sociais que, por princípio, segundo ele, eram incapazes de realizar qualquer corte epistemológico no interior de seus respectivos *corpus* de saber. Mas a referência althusseriana, seja pelos textos de Althusser, de Étienne Balibar ou pelos de Michel Pêcheux, Michel Fichant ou Pierre Raymond³⁸, guia os passos teóricos da revista *Espace/Tempo* na difícil busca do objeto próprio da geografia, definido como espaço social que deve tornar-se o crisol de todo estudo numa perspectiva que se quer essencialmente "científica", diferentemente de Hérodote, que prefere à categoria de ciência a de "saber pensar o espaço".

A FORMALIZAÇÃO GRÁFICA: A COREMÁTICA

Uma outra filiação renovou o saber geográfico e originou-se ainda mais diretamente da elevescência estruturalista dos anos 60: é a reflexão e a prática sobre o uso da gráfica em geografia. Nesse domínio, essencial, da cartografia, da representação das diversas formas do real, o iniciador foi Jacques Bertin, diretor do laboratório de gráfica na EHESS. Ele está, portanto, mergulhado no próprio coração das ciências humanas, numa alta instância da reflexão estrutural sobre os diversos modos de escritura nesses anos 60. Ele publica em 1967 *Sémiologie graphique*³⁹. Bertin considera nessa obra-manifesto a representação gráfica como transcrição de signos e deduz daí que "a representação gráfica é uma parte da semiologia, ciência que trata de todos os sistemas de signos"⁴⁰.

Ao tentar, deste modo fazer a geografia participar desde 1967 no conjunto das reflexões semiológicas, Jacques Bertin não será verdadeiramente ouvido no momento, levando-se em conta a situação de isolamento da disciplina geográfica. Será então utilizado sobretudo por historiadores como Pierre Chaunu ou Fernand Braudel; Bertin preconiza uma formalização do discurso gráfico, que passa pela estilística separação entre o conteúdo (a informação) e o continente (os meios do sistema

gráfico). A maneira dos semiólogos literários, Bertin delimita, como Christian Metz para sua grande antagônica do filme narrativo, um número restrito de oito variáveis pertinentes, situadas em dois planos distintos. Considera, portanto, a gráfica como uma linguagem, de acordo com o modelo da linguística estrutural.

A imagem é concebida e construída como uma estrutura. Dessa reflexão emergiu uma prática, a de uma cartografia mais analítica que descritiva, que funciona na EHESS como produção de serviços prestados às ciências sociais, mas que não é verdadeiramente um lugar de produção de idéias, de problemáticas. O processo técnico se adianta à citação, à teoria.

Bertin terá pregado num certo deserto ao longo dos anos 60, mas suas orientações foram retomadas e sistematizadas por Roger Brunet, que ressaltou esse eixo reflexivo em 1980⁴¹, em torno da noção de corema, que é o *pendant* geográfico da noção de fonema para a linguística estrutural, como a menor unidade de valor distinto que permite descrever a linguagem gráfica em torno de estruturas espaciais elementares: "Al termos, sem dúvida, o ponto culminante de um longo caminho da geografia para ligar sua vertente ideográfica (os espaços sociais descritos) à sua vertente nomotética (produzir os princípios gerais de organização dos espaços das sociedades)"⁴². O vasto cântico de produção dos mapas coremáticos está tão indefinido quanto a gramática do mesmo nome, o que permite abrir a que ponto as geógrafos, que iniciaram com atraso o caminho da formalização estrutural, ainda se encontram longe de esgotar sua fecundidade.

37. *Ib.*38. P. RAYMOND, *Le Passage ou matérialisme*, op. cit.; *Matérialisme dialectique et logique*, op. cit.39. J. BERTIN, *Sémiologie graphique*, Mouton, 1967.
40. *Ib.*, p. 8.41. R. BRUNET, "La composition des modèles dans l'analyse spatiale", *L'Espace géographique*, 1980, n.º 4.42. Ch. GRATY-COUP, "L'explorateur et le missionnaire", *L'Homme et la Société*, n.º 05-06, 1980, p. 14.